



QUINTA DOS FRADES



HISTÓRIA

A Quinta dos Frades está incluída na região demarcada do Douro, na freguesia da Folgosa, concelho de Armamar e é um exemplo de resistência ao longo dos tempos, revelando-se diferenciadora não só pela sua monumentalidade, sendo considerada uma das maiores e mais belas quintas da margem esquerda do Douro, mas também porque foi uma das mais ricas e produtivas quintas do Mosteiro de Salzedas, sob o ponto de vista agrícola (oliveiras e cereais) piscatória e de vinho de benfeitoria. Aliás, a Quinta dos Frades possuiu canais, pesqueiras e uma barca de travessia, e tem ainda hoje um dos marcos Pombalinos mandados colocar entre 1757 e 1761, para instituir a demarcação dos limites físicos da região produtora do Douro, classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1946. Na parte superior desta quinta foi plantada e mantida uma mata ao longo dos séculos, que ainda existe, visto que a madeira era outra necessidade do quotidiano do mosteiro, quer para o uso doméstico, cozinhas e aquecimento, quer para a fertilização das terras, para os animais, para as forjas, azenhas e fornos.

As referências mais antigas sobre esta quinta, ainda designada neste período como Quinta da Folgosa, recuam ao século XII com o início da sua constituição através de várias compras e doações de parcelas de terras. Neste período já são mencionadas parcelas de terra destinadas a plantação de vinha. Actualmente são ainda visíveis elementos patrimoniais que atestam a ligação da Quinta da Folgosa ao Mosteiro de Salzedas, representados através de dois brasões da Ordem de Cister existentes na quinta.



Brasão da Congregação Autónoma dos Cistercienses de São Bernardo de Alcobaça e Marco Pombalino, Quinta dos Frades

Ao contrário de tantas outras que foram parar às mãos de proprietários estrangeiros, a Quinta dos Frades manteve-se sempre na posse de famílias portuguesas, honrando desta forma as suas origens e história. Outro aspecto que diferencia esta quinta da maioria das quintas pertencentes aos Mosteiros, reside no facto da Quinta dos Frades, ter sido administrada directamente pelos monges de Salzedas e não ter sido uma quinta foreira. O vinho não só fazia parte da trilogia alimentar dos monges (pão, vinho e azeite) como também assumia uma dimensão religiosa, pois era utilizado na celebração da Eucaristia ou Missa. Daí que os monges ao longo do tempo se tivessem dedicado à vitivinicultura, como aconteceu nesta quinta.

São vários os aspectos peculiares que caracterizam esta quinta ao longo do tempo, atravessando e ultrapassando vários momentos controversos da nossa história. Foi também honrada pela presença de ilustres figuras, sobretudo no que respeita aos seus proprietários, desde os monges cistercienses, a famílias da nobreza com estreitas ligações à Coroa Portuguesa como os Coutinhos, que possuíam várias propriedades nesta zona algumas das

quais que vieram a integrar esta quinta, ao Barão da Folgosa (o primeiro proprietário da quinta após a extinção do Mosteiro de Salzedas e a venda da quinta em hasta pública em 1841), quer de visitantes como Guilhermina Suggia, que frequentou a quinta devido às ligações desta prestigiada violoncelista com a família de Delfim Ferreira.

Após o período conturbado do Liberalismo, que culminou com a extinção das Ordens Religiosas, os bens dos Conventos e Mosteiros foram colocados à venda tendo sido realizado para esse efeito um inventário de todos os seus bens, nomeadamente as quintas que estes possuíam. A Quinta dos Frades foi várias vezes a hasta pública pelo seu elevado valor, tendo sido avaliada em 1834 em 42 contos de réis e possuía já na altura casas, armazém, capela, lagares, azenha, além das vinhas, oliveiras, árvores de frutos e uma mata, várias pipas e tonéis de vinho que estava envasilhado no armazém e ainda uma barca de travessia.

Com a aquisição da quinta pelo Barão da Folgosa em 1841 pela quantia de reis 73:150:000, esta foi alvo de cobiça por saqueadores, havendo relatos de um episódio protagonizado por José Teixeira, conhecido por Zé do Telhado, que havia combatido ao lado dos Marechais na revolta de 1837, tendo mais tarde em 1846 alinhado pelas forças populares durante a revolta da Maria da Fonte. Após estas revoltas com o seu regresso a casa viu-se deparado com problema económicos, levando-o a enveredar por uma vida de fora de lei. O Governador Civil do distrito de Lamego tendo conhecimento da intenção de Zé do Telhado de assaltar a Quinta da Folgosa (actual Quinta dos Frades) em 1852, de imediato contactou o Administrador do concelho de Mesão Frio comunicando-lhe a intenção de assalto à quinta por parte de uma quadrilha encabeçada pelo Zé do Telhado, que pretendiam saquear e destruir a mesma. Para evitar a concretização deste plano, mandou para o local uma força de 25 baionetas de Infantaria Nº9 e pediu que os restantes administradores dos concelhos do Douro fossem avisados.

A Quinta dos Frades figura nos mais importantes mapas da época, como o Mappa das Terras vizinhas ao rio Douro datado de 1756 da Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro; no Mapa de Configuração do rio Douro datado de 1790 de Jacinto José de Sousa incluído num manuscrito existente na Biblioteca Nacional, onde surge designada de Quinta dos Frades de Salzedas; no Mappa do Paiz Vinhateiro do Alto Douro datado de 1843 e no Mappa do Troço do Douro de 1848 onde é designada de Quinta dos Frades de S. Bernardo, ambos da autoria do Barão de Forrester. Mais tarde em 1894 também o Visconde de Villa Mayor refere a Quinta da Folgosa na sua obra “*O Douro Ilustrado*”.



Mappa do Paiz Vinhateiro do Alto Douro, Barão de Forrester, 1843

A arquitectura do solar de inspiração militar com as torres e ameias, a par das seis peças de artilharia naval de fabrico inglês utilizadas nos navios, datadas dos finais século XVIII/ 1ª

metade do século XIX existentes na Quinta dos Frades, dever-se-ão ao facto do seu proprietário Jerónimo de Almeida Brandão e Sousa (Barão da Folgosa) ter tido uma importante carreira militar e uma forte ligação com a coroa portuguesa assumindo-se um defensor de D. Maria II, que lhe concedeu aliás o título de barão.

A Quinta manteve-se na posse dos herdeiros do Barão da Folgosa até 1941 e uma parte da Quinta (terrenos e casa) junto a Temi-lobos pertenceu ao negociante de vinhos Manuel Moreira de Barros, sócio gerente da Hutcheson & C^a Ltd.



Fotografias dos anos 30 séc. XX – Quinta dos Frades

Nesse mesmo ano, em Novembro de 1941 a Quinta dos Frades é adquirida por outra ilustre figura portuguesa, o Comendador Delfim Ferreira, um importante industrial e impulsor da economia portuguesa que teve um papel relevante no desenvolvimento do país sobretudo nas décadas de 40 e 50 do século XX, cujos herdeiros que presentemente já se encontram na 4^a geração, são os actuais proprietários da quinta. Além da Quinta dos Frades, foi adquirida no mesmo ano a Quinta do Castelo, localizada na freguesia de Sanhoane, concelho de Santa Marta de Penaguião, ambas propriedade da Empresa Predial Ferreira & Filhos, S.A., constituída por Delfim Ferreira em 1939, a qual é detentora ainda actualmente de 13 edifícios de habitação, comércio e serviços, situados no centro de Lisboa mandados construir pelo Comendador entre os anos 40 e 60 do século XX.

Delfim Ferreira, filho do importante industrial Narciso Ferreira, nasceu a 13 de Dezembro de 1888, em Riba d' Ave, concelho de V. N. Famalicão e faleceu a 25 de Setembro de 1960. Com horizontes bem definidos, este industrial dedicou-se sobretudo à indústria têxtil (Fábrica de Mindelo e Arcozelo), ao sector da energia hidroeléctrica (Hidroeléctrica do Varosa, Hidroeléctrica do Ermal, Hidroeléctrica do Douro) e da construção civil, tendo sido responsável pela construção de edifícios emblemáticos no Porto e Lisboa, entre os quais o Hotel Infante Sagres e Palácio do Comércio no Porto e ainda proprietário da Casa de Serralves que adquiriu em 1955, mantendo-se na sua família até 1987, ano em que foi vendida ao Estado.



Delfim Ferreira

O seu mérito e capacidades de inovação industrial foram reconhecidos pelo Governo da Nação, agraciando-o como Comendador da Ordem de Mérito Industrial em 1930, Comendador da Ordem de Cristo em 1933, Grande Oficialato da Ordem de Mérito Industrial em 1948 e Grã-Cruz da Ordem de Mérito Industrial em 1951 e ainda recebeu uma Medalha de Ouro da Câmara Municipal de Vila de Conde em 1951.

Como homem visionário e empreendedor que era, também introduziu elementos inovadores na quinta, dotando-a de infra-estruturas de produção e agrícolas modernas (armazéns, lagares, alambique, destilaria, azenha, laboratório) infra-estruturas de lazer através da construção de piscinas, balneários e uma casa de chá. Foi da sua responsabilidade igualmente a introdução de novos métodos de roteamento e plantação, substituindo as exígues tradicionais vinhas em socalcos murados por plantações em declive livre.

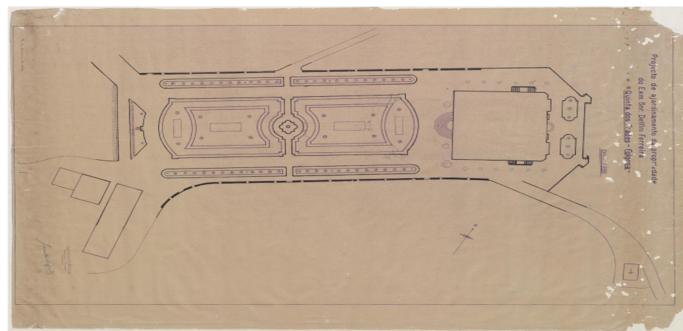


Fotografias de Delfim Ferreira na Quinta dos Frades, anos 40/50 século XX

O projecto de reabilitação da Quinta dos Frades, incluindo o solar, foi da responsabilidade do importante arquitecto Rogério de Azevedo, o mesmo autor, entre outros projectos, do emblemático Hotel Infante Sagres, como já foi referido, também mandado construir por Delfim Ferreira.

Nesta reforma levada a cabo no solar foi mantida a fachada original, ao passo que o seu interior foi dotado de um cuidado especial na estrutura, decoração e mobiliário, o que levou a que tudo fosse desenhado e feito artesanalmente por mestres artífices em trabalhar a madeira. Os interiores apresentam motivos naturalistas, quer nos moveis quer nos tectos em caixotão, assim como na lareira da sala de jantar.

Este projecto contemplava ainda a construção de um jardim, cujo projecto foi elaborado pelo ilustre Horticultor e Paisagista, Jacinto de Mattos, um dos maiores jardineiros paisagistas portugueses da primeira metade do século XX, dotando o mesmo de obras de arte, entre elas duas esculturas às quais se atribui a sua autoria a António Soares dos Reis, assim como a reposição de elementos históricos como os dois brasões da Ordem de Cister, que autenticam a antiguidade desta quinta. Tudo foi pensado e concebido ao pormenor.



Planta do Projecto de Jardim da Quinta dos Frades, Jacinto de Mattos, 1942

A Quinta dos Frades possui ainda uma capela do século XVIII, dedicada a São Bernardo, santo que está intimamente ligado à Ordem de Cister. Esta Capela terá sido construída ainda durante a estadia dos Monges do Mosteiro de Salzedas, a quem foi doada a quinta, pois há referências à mesma nas Memórias Paroquiais de 1758 “*Tem huma capela de São Bernardo que está fora do logar dentro de huma quinta que hé dos frades de Cister de Santa Maria de Salzedas. A cuja capela vai o calmor (sic, por clamor) desta fregezia em o dia Terça Feira da somana das Ladinhas de Maio*”. Ou seja em 1758 esta capela já existia e nela era celebrada missa às terças-feiras. Aliás em 1951 há um relato escrito da missa ainda ser celebrada na capela e testemunhos de descendentes da família de Delfim Ferreira, de que o próprio Comendador fazia questão que alguns habitantes da Folgosa sem grandes recursos financeiros, realizassem ali os seus matrimónios, disponibilizando a quinta e a capela para esse fim.



Capela de São Bernardo, Quinta dos Frades

Nos anos 70 a quinta sofre algumas alterações pela construção da Barragem de Bagaúste e pelas obras de desvio da E.N. 222, tendo sido expropriada uma área de cerca de 8 hectares. As vinhas existentes nos terrenos abaixo do solar, que eram umas das mais antigas, acabariam submersas. Actualmente a quinta possui cerca de 200 hectares de área.

No período do Pós-25 de Abril, são vários os relatos orais de que a Quinta foi ocupada pelas tropas que integravam o PREC e as Comissões de dinamização do MFA, à semelhança do que aconteceu com outras quintas do Douro.

Testemunhos orais de habitantes da freguesia da Folgosa dão igualmente conta que a Quinta dos Frades é uma das quintas com maior ligação à freguesia, pois ela deu emprego a muita gente e contribuiu para o desenvolvimento da freguesia da Folgosa e do concelho de Armamar em termos económicos e turísticos. Além disso, o Comendador Delfim Ferreira financiou algumas obras de requalificação de estradas e caminhos na Folgosa e também na Régua onde existe um busto seu de gratidão e benemerência, homenagem também prestada pelos Bombeiros da Régua que atribuíram o nome de Delfim Ferreira ao seu quartel em 1970.

Esta propriedade mantém até hoje a estrutura característica de uma quinta, apresentando uma área de residência composta pela casa senhorial, casa dos caseiros, os cardanhos (casas para os trabalhadores efectivos ou sazonais), a cozinha e refeitório; uma área de produção composta pelas vinhas e demais cultivos como oliveiras e árvores de frutos; a área de transformação e armazenamento composto pelo lagar, adega, alambique e armazéns; a área de comercialização e administração composta pelo escritório e ainda a área cultural e assistencial composta pela capela.



Armazéns e adegas da Quinta dos Frades

Desde 2008, após um período de reestruturação levada a cabo pela actual administração, que se tem desenvolvido um projecto de promoção e valorização da Quinta dos Frades, quer através do estudo da sua história e património, quer da produção do primeiro vinho de mesa com a marca “Quinta dos Frades Vinhas Velhas Grande Reserva tinto 2008”, lançado em finais de 2010, recebendo o Prémio de Excelência 2010 e o Prémio Produtor Revelação do Ano 2011, pela Revista de Vinhos. Em 2012 o “Quinta dos Frades 2009” recebeu ainda a medalha de ouro atribuída pelo Fórum de Enólogos. Foram lançadas ainda mais 2 marcas de vinho de mesa em 2010 o “Vinha dos Deuses” tinto, em 2011 o “Vinha dos Santos”, tinto e branco e ainda o “Vinha dos Arcanjos” tinto. O “Vinha dos Santos Douro tinto 2011”, foi galardoado com o Prémio Boa Compra 2013. Mais recentemente foi lançada uma edição especial em homenagem ao Comendador Delfim Ferreira, o “Grande Reserva Comendador Delfim Ferreira 2011”, numa edição de 2700 garrafas que recebeu o prémio Melhores de Portugal da Região do Douro do ano 2016, atribuído pela Revista de Vinhos. Além dos vinhos de mesa com marca própria, a Quinta dos Frades continua a produzir vinho do Porto para outras prestigiadas marcas nacionais, à semelhança do que sempre fez ao longo dos vários séculos da sua existência.



Vinho de Mesa Quinta dos Frades